UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO - DALI - CINEMA

CIDADE DOS SONHOS, RABBITS E ERASERHEAD:

O DESENHO DE SOM DOS FILMES DE DAVID LYNCH

ARY DA SILVA HILLARY DA SILVA HILLARY DA SILVA HILLARY DA

RESUMO: O presente artigo propõe uma breve análise centrada no desenho de som das obras do cineasta David Lynch, cujos filmes são trabalhados diante de uma atmosfera inovadora, fugindo dos padrões mercadológicos comumente conhecidos no meio audiovisual. Os objetos de estudo aqui propostos estarão concentrados apenas em três de suas obras (Cidade dos Sonhos (2001), Rabbits (2002) e Eraserhead (1977)) e com base nelas, serão apontadas questões pertinentes à importância do som na narratividade e fluidez dos filmes citados como também para a síntese cinematográfica de modo geral.

Palavras-chave: David Lynch. Desenho de som. Cinema.

I. Sobre *Lynchinianidades*

Quando se pensa em David Lynch, a primeira impressão que vem a mente é a estranheza, o absurdo, o inexplicável. Fugir do padrão e propor uma nova linguagem é o que Lynch faz muito bem ao produzir suas obras. Há diversos estudos publicados tentando traduzir o que seus filmes buscam representar; ele bebe do Surrealismo, mas também trás muito conteúdo de obras contemporâneas e de certa forma é um emaranhado de cinema-de-autor-com-cinema-independente-anti-hollywood.

Não é fácil interpretar de uma só maneira Cidade dos Sonhos, nem Rabbits, muito menos Eraserhead, ou qualquer outro de seus filmes, pois a abertura entregue ao espectador é abrangente demais e trata-se de questões ilimitadas, restando a conformidade de que os filmes do diretor são apenas Lynchnianos e não se fala mais disso.

Há quem se engane se pensa que David Lynch é somente cinema, muito pelo contrário; fazendo uma breve pesquisa na internet, o primeiro resultado aponta que além de diretor, roteirista e produtor, é também artista visual, músico e ocasional ator norte-americano[1]. É importante que um artista experiencie muito além de sua atividade comum (seja ela pintura, música, teatro, etc), tentando aproximar-se de outras vertentes para que possa obter referências, cujo resultado se equivale a obras muito mais comprometidas, de conteúdos mais profundos e arraigados de significações.

Talvez seja por tal motivo que Lynch possui obras tão acima da compreensão do senso comum e causem essa estranheza tão peculiar que conhecemos em suas películas: a dominância em outros âmbitos das artes. Fica claro – especialmente para o quadro dos estudos audiovisuais – a construção bem estruturada da atmosfera de seus filmes; a escolha de enquadramentos na fotografia, as referências de pinturas, o conteúdo psicanalítico, o modo de interpretação de suas personagens e principalmente a paisagem sonora, símbolo marcante de ambientação em suas narrativas.

II. A atmosfera de seus filmes

David Lynch fazendo as pessoas se irritarem é a coisa mais comum no cinema dele. Conforme supracitado anteriormente, a procura pelas respostas e significados para seus filmes acontecem sempre que alguém termina de assistir uma de suas obras. Não é por menos, mas Lynch tem o dom de fazer um cinema único, onde o significado fica em segundo lugar mesmo que este seja a primeira coisa que queiramos saber. Eraserhead (Figura 1) é o primeiro e mais desentendido dos filmes de Lynch. O aspecto sombrio e tenebroso, claustrofóbico, horripilante e extraído do pesadelo mais longínquo e perturbador servem para criar uma história sentimental e mais comum do que parece – só que pelos olhares de Lynch, o que a torna mais incomum do que tudo. Lynch se nega a explicar ou discutir sobre seus filmes, mas o que há para discutir sobre Eraserhead? Não é para ser entendido, mas sentido. Talvez a função que Lynch tenha dado a seu pavoroso filme seja apenas essa, é um filme doentio a certo modo assim como complexo, mas basta um pouco de atenção para torná-lo mais tragável e mais significativo do que o que aparenta. Para explicações, a obra trata sobre culpas, sobre desejos, sobre perdas e principalmente loucura humana. Por mais obscuro e duro que seja digerir um filme tão (perturbadoramente) sentimental, Eraserhead parece contar sobre a vida de mais um homem que vive mais uma situação em sua vida que acontece com milhares de milhares de pessoas no mundo. Tão comum quanto estranho.

Figura 1 – cena de Eraserhead (1977)

Figura 2 – cena de Cidade dos Sonhos (2001)

Figura 3 - cena de Rabbits (2002)

Quanto a Cidade dos Sonhos (Figura 2) [...] questiona os limites da identidade humana, brinca com os conceitos de realidade e cópia colocando o espectador num jogo marcado pelo estranhamento e pela força da imagem. (ALVES, Renato. *In. Resenha Crítica do filme "Cidade dos Sonhos". Cranik).*

Já Rabbits (Figura 3) [...] tem um cenário único, parado, em que o ponto de vista da câmera, também único, imóvel, está distante o bastante para se afirmar que há uma plateia neste "teatro" louco. De fato, se trata de uma encenação sobre um tablado, quase como em um sitcom americano,

> em que a entrada de cada personagem é recebida com aplausos e assobios. [...] A sinopse de Lynch para o filme é: "em uma cidade sem nome, castigada por uma chuva contínua, três coelhos vivem com um mistério pavoroso". Este mistério precisa ser resolvido. [...] A trilha sonora se relaciona perfeitamente com o seguimento pavoroso dos diálogos. Trata-se de uma faixa continuamente reproduzida, intensamente misteriosa e horripilante. As pequenas variações durante o filme, como durante os momentos em que as luzes se apagam e algo parecido com o demônio surge no fundo do cenário, ajudam a manter o clima de medo e suspense, mesmo sem termos a menor ideia do que temer. Possivelmente isso que dá o gosto especial para Rabbits. Não saber do que se trata, mas sentir o que deve ser sentido, não nos coloca em posição de prever aquilo que devemos temer. Ou seja, não sabemos se iremos ver um monstro, um corpo, um assassino, uma brutalidade com os corpos dos três coelhos, não sabemos nada. As coisas acontecem (ou melhor, não acontecem). (SIQUEIRA, Vinicius. *In. Rabbits o filme: os coelhos de David Lynch. Obvious Mag.).*

Muito embora cada obra traga uma proposta diferente, todas possuem algo em comum: trazer uma atmosfera onde o espectador se sinta diante da expectativa de que alguma coisa vai acontecer a qualquer momento. Lynch utiliza-se de ferramentas para que haja um clima de suspense a todo instante e o som é a mais importante delas. E vale por um adendo sobre os filmes que trazem essa proposta: o que seria das películas de terror sem a utilização do som como item principal para causar o famigerado susto no espectador? Um filme desse gênero com o volume baixo não conseguiria atingir com êxito sua intenção, pois o som é o mecanismo fundamental para a construção da sua espacialidade narrativa.

III. O som é pelo menos 50% do filme

> "Som e imagem trabalhando juntos é o que os filmes são. (...) você pode criar um espaço que é gigante, ouvindo coisas fora do quarto ou sentindo algumas coisas através de uma fresta, e então há sons abstratos que são como música, eles dão emoções e estabelecem diferentes estados de espírito. Então a música vem. Transições de efeitos sonoros para música, ou todas as coisas vindo ao mesmo tempo, é deixar o filme falar com você." (HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. *In. Uma estrada para o Impenetrável. In. Depoimento de Lynch para Steve Biodrowski* (1997)).

Lynch possui uma relação muito íntima com a musicalidade e isso não é novidade para os entendedores de suas obras. Em cada um de seus filmes, a construção sonora é pensada com maestria, de modo que o cineasta acaba gerando uma assinatura expressiva e única. Torna-se praticamente impossível conseguir definir como é a narratividade sonora trabalhada nos enredos, nos resta apenas sentir, ou melhor, ouvir toda a construção espacial que o diretor procura proporcionar.

Mark Mazullo[2], propôs um estudo acerca da paisagem sonora dos filmes de Lynch combinando ao som dos anos 1960, de modo que o autor aponta

> [...] Uma certa anormalidade no som, fornece uma folha desconcertante para os sons quase insuportáveis de sincera ingenuidade, a normalidade muitas vezes sacarina de sua mensagem emocional, estrutura harmônica, ritmo e forma musical, permitem que Lynch justaponha a sinceridade do som, expressa nas letras assim como em seus detalhes musicais, com elementos de violência chocante ou horror psicológico extremo. (MAZULLO, Mark. *In. Remembering Pop: David Lynch and the Sound of the '60s*) Tradução minha.

Embora o apontamento de Mazullo seja pertinente, ainda há muito chão a percorrer acerca das escolhas sonoras dos filmes de Lynch. Alguns estudos acerca das obras do cineasta evidenciam que a inventividade e uso expressivo do seu repertório de sons, encorajam um novo modo de recepção, uma forma de ouvir que aumenta nosso entendimento do repertório (ou nos confunde ainda mais), e de fato nos abre para as qualidades maravilhosas da música gravada – principalmente quando esses sons estranhos e tão *lynchnianos* são inseridos em um espaço incomum, causando uma atmosfera quase fantástica, nitidamente fugindo do real.

Utilizando exemplos de cenas dos filmes escolhidos como objeto de estudo nesta pesquisa, a sonoplastia desenvolvida, deixa claro como o som é elemento fundamental para a construção dos universos ficcionais propostos por David Lynch:

Em Eraserhead, temos a cena (veja a cena aqui) de uma criatura – que entendemos como um bebê –, e ouvimos claramente um som constante e incômodo de fundo, algo como um eco sintetizado e Henry (personagem principal) tomando conta da criatura que aparenta estar doente. Quando vemos no quadro apenas Henry analisando um termômetro recém-retirado da boca do bebê, segundos depois nos deparamos com a criatura ainda mais horripilante, produzindo sons de agonia, quase impossíveis de descrever e Henry em seguida fala "*Oh you are sick!*".

Já em Cidade dos Sonhos, Lynch vai mais longe; em uma das cenas onde as duas personagens principais se dirigem ao club Silencio durante a madrugada (veja a cena aqui), a proposta é possivelmente ainda mais obscura e confusa: primeiramente, temos o mesmo eco que proposita a atmosfera de suspense presente em ambos os filmes citados aqui, enquanto vemos um apresentador que repete "*No hay banda! There is no band! (...) This is all a tape reccording*". Logo em seguida, uma mulher entra no palco e começa a cantar uma canção, as personagens sentem-se extremamente comovidas diante da melodia, de repente a tal mulher cai no chão e percebemos que na verdade, ela movia apenas os lábios em sincronia com a música, que ainda continua tocando no teatro em que as personagens estão.

Rabbits também possui a mesma atmosfera sonora que as obras descritas anteriormente (veja completo aqui), com exceção de que os personagens estão bizarramente vestindo uma cabeça de coelho num cenário que parece ser uma sala, com iluminação obscura em um enquadramento fixo. Conforme o passar do filme, há um desconforto diante das falas, pois o espectador se sente perdido com a desorganização dos diálogos, e a inserção de aplausos e assobios sempre que um personagem entra em cena, causando a impressão de que estamos assistindo um sitcom *nonsense*.

Não menos importante, vale ressaltar o processo de criação da captação de som de seus filmes, visto que o diretor é bastante participativo nos processos de desenvolvimento. Em entrevistas encontradas na Internet, Lynch comenta como foram alguns dos processos de descobrimento e construção dos sons em seus filmes, deixando nítida sua intencionalidade pela experimentação, fragmentação e distorção dos sons que descobria e reinventava juntamente com a equipe de sonoplastia:

> [...] Um dos meus experimentos favoritos foi quando enchemos uma banheira com água e depois adicionamos um galão vazio de cinco litros de água gasosa com um microfone colocado dentro dele. Mexemos um pouco o galão, batemos suavemente ele na parede da banheira e o microfone captou tudo isso. A sonoridade produzida resultou numa beleza estranha e surreal, e que acabou entrando no filme. (LYNCH. David. 2012. *In. Entrevista para Pitchfork sobre o desenho de som em Eraserhead).* Tradução minha.

IV. David. Logo sou, Lynch

Por ser tão inovador, utilizar a iconoclastia comumente utilizada em filmes hollywoodianos, subvertendo-as e trazendo uma nova linguagem, é que David Lynch tornou-se um diretor icônico. Não é tão fácil possuir tamanha conexão com os as vertentes artísticas e elaborar obras tão significativas e cheias de conteúdo, que provocam o espectador, chegando a quase causar nós no cérebro.

Por fim, pode-se concluir que a relação do cineasta com as ramificações de arte, são instrumentos fundamentais para a criação de seus filmes, onde além da fotografia, o som fala mais alto.

Talvez seja ousadia induzir que as obras de Lynch são tão poderosas que poderíamos, possivelmente, fechar os olhos e apenas ouvir os sons de seus filmes.

> Ultimamente eu sinto que os filmes são mais e mais como a música. Música lida com abstrações e como o filme, envolve tempo. Possui diferentes movimentos, tem muito contraste. E através da música você aprende que, para alcançar um lindo sentimento particular, você tem de ter começado lá atrás, arranjando certas coisas de um certo modo. (LYNCH, David. *In. DIRECTOR'S NOTES, The Hollywood Reporter Film &*

TV Music Special Issue, 1990, by Andy Klein. *In. The City of Absurdity).* Tradução minha.

REFERÊNCIAS

[1] apontado pelo Google

[2] Mark Mazullo. Professor no Departamento de Música no Macalester College, onde tem ensinado história da música e piano desde 1999. Possui Ph. D. em musicologia pela University of Minnesota e certificado de Mestre de Música pela Peabody Convervatory. (Tradução minha). Disponível em <http://www.macalester.edu/academics/music/facultystaff/markmazullo/>.

ALVES, Renato. *Resenha Crítica do filme "Cidade dos Sonhos"*. Acesso em 17 de julho de 2016. Disponível em <http://www.cranik.com/cidadedossonhos.html/>.

HIKIJI, Rose Satiko Gitirana*. Uma estrada para o Impenetrável. Depoimento de Lynch para Steve Biodrowski* (1997). Acesso em 16 de julho de 2016. Disponível em <http://www.antropologia.com.br/tribo/sextafeira/pdf/num2/uma_estrada.pdf>.

LYNCH, David*. DIRECTOR'S NOTES, The Hollywood Reporter Film & TV Music Special Issue*, 1990, by Andy Klein. *The City of Absurdity.* Acesso em 16 de julho de 2016. Disponível em <http://www.thecityofabsurdity.com/quotecollection/music.html>.

LYNCH. David. Acesso em 16 de julho de 2016. Disponível em <http://pitchfork.com/features/interview/8910-david-lynch/>.

MAZULLO. Mark. *Remembering Pop: David Lynch and the Sound of the '60s*. Acesso em 17 de julho de 2016. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/4153071?seq=3#page_scan_tab_contents>.

SIQUEIRA, Vinicius. *In. Rabbits o filme: os coelhos de David Lynch. Obvious Mag.* Acesso em 16 de julho de 2016. Disponível em <http://obviousmag.org/archives/2013/12/rabbits_o_filme_os_coelhos_de_david_lynch.html>.